



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO – PGFILE

SÍLVIA MARIA LIMA TEODULINO

**FILOSOFIA E CORDEL: PERSPECTIVAS REFLEXIVAS QUANTO AO USO EM
SALA DE AULA**

CAMPINA GRANDE

2016

SÍLVIA MARIA LIMA TEODULINO

**FILOSOFIA E CORDEL: PERSPECTIVAS REFLEXIVAS QUANTO AO USO EM
SALA DE AULA**

Trabalho monográfico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação em __27 / __07 / __2016_ da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientadora: Prof. Dr^a Maria Simone Marinho Nogueira.

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

T314f Teodulino, Sílvia Maria Lima
Filosofia e cordel [manuscrito] : perspectivas reflexivas
quanto ao uso em sala de aula / Sílvia Maria Lima Teodulino. -
2016.
44 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Filosofia
da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Literatura de Cordel 3. Ensino Médio 4.
Educação I. Título.

21. ed. CDD 100

SÍLVIA MARIA LIMA TEODULINO

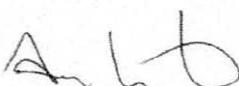
Filosofia e cordel: perspectivas reflexivas quanto ao uso em sala de aula

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

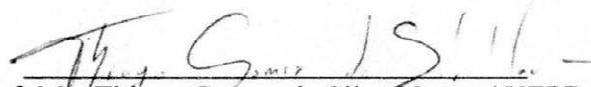
Aprovado em 27/07/2016.



Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes / UEPB
Examinador

Para minha família, pelo incentivo e confiança sempre.

AGRADECIMENTOS

CELEBRAR... á Deus pelo dom da vida e por mais uma oportunidade de construção. Celebro pele intercessão de Nsa. Senhora e pelos ensinamentos espirituais da Paróquia Santíssimo Salvador.

Ao ver este trabalho construído, recordo-me dos momentos de orações, aulas, escritas e pessoas queridas que contribuíram, fortemente, para este feito. Assim, celebro pelos meus pais Maria e Bii, anjos que me acolhem e iluminam meus caminhos para frente sempre.

Quem deixa suas marcas nesse momento são: meu amado esposo, que me faz se sentir amada e protegida por um laço matrimonial duradouro, forte e envolto aos olhos divinos; aos meus filhos e netos que são razões inspiradoras para o que faço; meus-minhas irmãos e todos os familiares que compõem a base segura da minha caminhada.

Celebro, em destaque, por minha, admirável e competente, Prof. Dra. Simone, pessoa linda, por dentro e por fora, que muito me ensinou com parceria e dedicação, agradeço sempre a Deus pela oportunidade de ser sua aluna.

Celebro também, pelos meus amigos-anjos, cujos os caminhos se cruzaram com os meus. Que bom ter: Patrícia, Roberta, Daví, Rosevânio, Jordean, Izaquiel, Ana... e Janiely que sempre disposta a me incentivar, um forte abraço a cada um (uma).

Celebro por todos os professores desse curso de pós graduação, que gentilmente, se dedicaram para que atingíssemos bom êxito em mais uma conquista.

Enfim, celebro e louvo a Deus por todas as minhas conquistas, enquanto anseio por novas oportunidades para celebrar.

RESUMO

O presente trabalho: *Filosofia e cordel: Perspectivas reflexivas quanto ao uso em sala de aula*, buscou introduzir o cordel como instrumento para as aulas de Filosofia nas salas de aula do Ensino médio de escolas públicas brasileiras, a fim de analisar os aspectos em torno da Filosofia, da literatura de cordel e Educação, em que se revelam no folheto que destaca uma proposta: *Cordel da Filosofia Antiga*, da autoria de Sílvia Maria Lima Teodulino- em anexo. Os cordéis vêm se firmando como objeto de pesquisa acadêmica devido à variedade e conteúdos sociais com os quais os autores se propõem a trabalhar. Em destaque, ainda, uma reflexão sobre a história do cordel e sobre o currículo e a obrigatoriedade do ensino da disciplina Filosofia, para o ensino médio nas escolas brasileiras, buscando um fecundo encontro entre o cordel e a filosofia, compreendendo a obra em cordel como forma de ação filosófica desencadeadora do gosto pela filosofia, bem como a ação profícua de filosofar.

PALAVRAS CHAVE: Literatura de cordel. Filosofia. Ensino médio. Educação.

ABSTRACT

This work: Philosophy and Cordel: reflective perspective on the use in the classroom, sought to introduce the line as a tool for philosophy classes in high school classrooms in Brazilian public schools in order to analyze the aspects around the philosophy, cordel literature and education, which are revealed in the brochure that highlights a proposal: cordel of Ancient philosophy, written by Sylvia Maria Lima Teodulino- attached. Twines have established itself as the subject of academic research because of the variety and social content with which the authors propose to work. Featured also a reflection on the history of string and on the curriculum and the mandatory teaching of philosophy discipline, to high school in Brazilian schools, seeking a fruitful encounter between the line and philosophy, including the work in string as form of philosophical action triggering the taste for philosophy, as well as the fruitful action of philosophizing.

KEYWORDS: Cordel Literature. Philosophy. High school. Education.

“A poesia é filosofia em versos, a filosofia é a poesia em prosa”.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	CORDEL, um pouco de história	13
1.1	Um novo olhar para o cordel brasileiro	13
2	FILOSOFIA E currículo no ensino médio - Breve histórico	17
2.1	. Em busca de uma estratégia aceitável para sintonizar os versos do cordel e a filosofia	23
3	FILOSOFIA E CORDEL: PERSPECTIVAS REFLEXIVAS QUANTO AO USO EM SALA DE AULA..... 3.1 ENTRE A FILOSOFIA E A POESIA	26
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36
	ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

O cordel é um importante suporte para ensinar filosofia, ao mesmo tempo que também é um instrumento metodológico exemplar quando se trata da aprendizagem significativa dos conteúdos filosóficos. Assim, de maneira criativa, produtiva, compreensível e crítica sobre o mundo e o enfrentamento de problemáticas comuns e essenciais para o desenvolvimento da harmonia em sociedade, o cordel se destaca em sala de aula pela sua estrutura de fácil compreensão e linguagem acessível.

Os folhetos de Cordel vêm se firmando como objeto de pesquisa acadêmica devido à variedade e conteúdos sociais com os quais os autores se propõem a trabalhar. Dentre os vários temas encontrados nos folhetos de cordel estão em evidência: os que buscam resgatar a vida hodierna do povo nordestino, seus problemas, temas relacionados à questão de gênero e, recentemente, os cordéis abordam temáticas relacionadas ao contexto educacional envolvendo diversas disciplinas e conteúdos.

O presente trabalho busca destacar o cordel como instrumento para as aulas de Filosofia nas salas de aula do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras. Constitui-se de uma reflexão que considera aspectos em torno da filosofia e da Literatura de Cordel, assim como da relação entre cordel, filosofia e educação. Destaca-se o folheto que apresenta uma proposta desta tríade relação: *Cordel Da Filosofia Antiga*, de Silvia Maria Teodulino - em anexo.

Também se destaca uma reflexão sobre a história do cordel e sobre o currículo e a obrigatoriedade do Ensino da disciplina Filosofia para o ensino Médio nas escolas públicas brasileiras, considerando ainda a presença do cordel como instrumento para o professor nas suas salas de aula.

É possível se promover um fecundo encontro entre o cordel e a filosofia no contexto educacional compreendendo assim a obra em cordel como forma de ação filosófica fomentadora do gosto pela Literatura de Cordel nas aulas de filosofia e destacando a ação profícua de filosofar.

Metodologicamente, o trabalho está dividido três em capítulos: 1) *Em volta da literatura* discute um pouco da história e reflexões sobre o cordel, 2) *O ensino de Filosofia e sua volta aos currículos do Ensino Médio*, que discute sobre o ensino de filosofia e o

currículo escolar e 3) *Filosofia e cordel: perspectivas reflexivas quanto ao uso em sala de aula*, que busca traçar uma reflexão sobre a tríade: cordel, ensino e filosofia. O trabalho encerra-se com algumas considerações finais e referências.

1 Cordel, um pouco de história

1.1 Um novo olhar para o cordel brasileiro

“Cordel quer dizer barbante
 Ou senão mesmo cordão,
 Mas cordel-literatura
 É a real expressão
 Como fonte de Cultura
 Ou melhor, poesia pura
 Dos poetas do sertão. [...]

O chamado trovador
 Ou poeta popular
 Era semi-analfabeto
 Porém sabia rimar
 Sem folhetos escrevia
 E os sertanejos os liam
 Por ser o seu linguajar. [...]

O cordel é dividido
 Escrito, cantado, oral,
 Porém o cordel legítimo
 É aquele tipo jornal,
 Que trazia a notícia nova
 Em sextilhas,
 Nunca em trova
 Que agrada o pessoal. [...]

O cordel sendo cultura
 Hoje tem sua tradição,
 Chamado literatura
 Veículo de educação
 Retrata histórias passadas
 Que estão documentadas
 Para toda geração”¹.

O termo “Literatura de Cordel” teve origem em Portugal e veio por ocasião de sua exposição em um pequeno barbante nos lugares onde eram vendidos. Desde a década de 90 esse termo “Literatura de Cordel” é reforçado com entusiasmo, pois este enquanto literatura toma assento nas academias brasileiras, e torna-se causa de estudos pelos pesquisadores. Apolinário (2007) assevera que:

Em meados do século XII na Europa Feudal, vivendo sob o regime de suserania e vassalagem, o vassalo era preso à terra e só podia sair dela por motivo de guerra ou peregrinação religiosa. E é no caminho às terras santas que surge a poesia popular oral. Para Luyten (1985) foi nos vilarejos próximos a Jerusalém, Roma e Santiago de Compostella que narrando a peregrinação, surgiram os primeiros poetas

¹ Estrofes retiradas do folheto *Origem da Literatura de Cordel e a Sua Expressão de Cultura Nas Letras de Nosso País*, de Rodolfo Coelho Cavalcante.

populares. Mais conhecidos como trovadores, os poetas e suas rimas se espalharam pela Europa. Mais tarde, em meados do século XV, com a necessidade de pôr essas poesias no papel para que pudessem chegar as mais longínquas terras, surgem a “Literatura de Colportage” e o “Chapbook”, respectivamente na França e na Inglaterra, e na Península Ibérica, os “Pliegos Suelos” (Espanha) e as “Folhas Volantes” ou “Literatura de Cordel” (Portugal) – pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante para serem vendidos (BATISTA, 1997 *apud* APOLINÁRIO, 2007, p. 2).

Que o termo “Literatura de Cordel” veio lá de Portugal, isto é evidente. Sendo assim, a literatura de cordel chega às terras brasileiras e é tida hoje como uma produção de linguagem típica da região nordeste brasileira e tem sido pesquisada por estudiosos que se debruçam sobre os personagens, as rimas e grande variedade de temas abordados por esta literatura popular.

No final do século XIX e início do século XX, a literatura de cordel brasileira, no seu ápice, é desconstruída por um folclorista chamado Sílvio Romero², que afirmava que o folheto de cordel estava sumindo por consequência da chegada de jornais no interior do país (LUYTEN, 2005, p.7). Porém, após a década de 1930, novos pesquisadores deram continuidade ao que Sílvio Romero constatou só que agora por causa do rádio e, logo mais, pela televisão que estaria se dando a extinção do cordel.

Apesar disso, hoje se pode apreciar a literatura de cordel, através de cordelistas que ocupam um lugar na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), donos de obras em folhetos de cordel que retratam a vida do nosso povo, mas também de autores anônimos que difundem o encanto dessa poesia e ajudam a enaltecer a cultura popular, bem como “renová-la” como nos diz o cordelista Manoel Monteiro³. A história do Cordel no Brasil, segundo Pinheiro (2001), surge como poesia popular em verso que relata fatos da vida do seu povo, pois esses folhetos de cordel e o rádio eram os meios pelos quais se tinham as informações, principalmente nas famílias pobres e semianalfabetas da região nordeste.

O berço da Literatura de Cordel no Brasil, como afirma Lira (2004), surgiu em 1865 quando nascia Leandro Gomes de Barros⁴ no estado da Paraíba. O quadro nessa época era de

2 Sílvio Romero (S. Vasconcelos da Silveira Ramos R.), crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira.

3 É o maior representante do chamado Novo Cordel do nosso país e o mais importante cordelista brasileiro em atividade, com uma produção densa e diversificada, abarcando toda a área da atividade humana.

4 O primeiro cordelista brasileiro Leandro Gomes de Barros nasceu na cidade de Pombal, PB. Quando criança até seus quinze anos, Leandro conviveu com os poetas populares de Teixeira, cidade do sertão da Paraíba.

contendas familiares, cangaceiros etc., mas também, com uma grande variedade de poetas e cantadores da cidade de Teixeira. Dessa maneira, Leandro começa a deixar seus folhetos baseado na sua vivência na Serra de Teixeira, isso por volta de 1889. O estado da Paraíba possui dois grandes centros de cordelistas que são as cidades de Campina Grande e Patos.

1.2 Um novo olhar para o cordel brasileiro

No Brasil, o que se percebe é a formação de um sistema diferente que Aderaldo Luciano (2012) chama de “um novo olhar sobre o cordel brasileiro”, já que nos últimos 40 anos, em sua opinião, os estudos sobre a origem do termo Literatura de cordel caem em sucessivas repetições. Logo, assevera o estudioso:

De como e quando, exatamente, a poesia popular fixada em folhetos passou a ser chamada Literatura de Cordel não há pistas conhecidas. Possivelmente a expressão surgiu e vingou através dos estudiosos que passaram a interessar-se pelos poetas dos folhetos, conhecedores por sua vez da produção lusa da mesma categoria quanto ao consumo popular e à apresentação gráfica (PEREGRINO, 1984, p. 18-19).

Daí o referido autor passeia por vários estudiosos que comungam do mesmo pensamento histórico sobre a origem da Literatura de Cordel. Ao caminhar em busca do ponto culminante da sua pesquisa, Luciano faz uma distinção entre o popular e o erudito, porém deixa evidente que o mais importante não é fazer essa distinção, pois o termo Literatura de Cordel é o foco. Para Luyten (*apud* LUCIANO 2012, p. 17), “Em todas as sociedades, porém temos sempre elementos dominantes e dominados, elite e povo, nobres e plebeus. Como consequência, uma visão frequentemente diferente a respeito das mesmas coisas”. Portanto, a poesia não tem dono, está presente nos mais diversos lugares em diversas classes sociais... Ela, por sua vez, não se classifica, nem pode ser classificada.

Luciano faz a repetição de uma citação de sua tese de mestrado intitulada Literatura de Cordel: uma poética para os heróis degolados e nos diz que:

Muitos estudiosos confundem a poesia dos cantadores repentistas nordestinos com a Literatura de Cordel. Como que sejam irmãos. E como todos os irmãos, sejam, também, diferentes. Os poetas cordelistas raramente são repentistas ou glosadores. São poetas da letra, conhecidos como poetas de bancada, sofrendo inclusive algum preconceito por parte daqueles. O repente é obra de momento, é construção oral cuja maior característica é ser efêmero, fruto do improviso. Daí porque são famosos os desafios e pelejas, nos quais dois cantadores se debatem em criações e trava-línguas, em perguntas e respostas. O Cego Aderaldo gabava-se de nunca ter perdido um verso. Nenhum cantador que se preze escreverá seus versos para depois os decorar, cantando-os memorizados. Cantar com versos decorados é uma desfeita, uma aberração causadora de constrangimentos e agressões. O verso cordeliano, ao

contrário, é fruto do trabalho, da elaboração. É o mesmo trabalho beneditino da Profissão de Fé de Olavo Bilac (LUCIANO, 2003, pp. 48-49).

Dessa forma, o autor demonstra as diferenças nas poesias e discute, dentre outras coisas, o fato de a sextilha do cordel não ser a mesma da cantoria, por exemplo. Por fim, eis o marco da criação do cordel que Aderaldo Luciano nos aponta, qual seja, por volta do ano de 1902 que se tinha conhecimento do folheto mais antigo: “A força do amor, a história de Alonso e Mariana, de Leandro Gomes de Barros, reproduzido em fac-símile no tomo V da Antologia de Literatura Popular em verso da casa Rui Barbosa [...]” (LUCIANO, 2003, p. 77).

A Literatura de Cordel envolta na história do nosso povo teve seus momentos marcantes e muitas vezes abandonados, mas como a cultura é um termo que por si já fala e ecoa bravamente, o ensino de Filosofia vem também nas suas idas e vindas deixando sinais de lutas em alguns momentos da nossa história nos quais perseveram nos dias hodiernos nas nossas salas de aulas.

Sendo assim, e antes de continuarmos a nossa abordagem sobre o cordel, falemos um pouco da volta da Filosofia nos nossos currículos.

2 O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA VOLTA AOS CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO – BREVE HISTÓRICO

O ensino de Filosofia no Brasil sofreu um grande golpe durante o governo militar. A reforma do ensino secundário, que foi implementada pela lei Nº 5.592/71, trouxe drásticas consequências para a educação brasileira. A degradação ocasionada por esse ato pode ser observada principalmente nas escolas públicas em todo país.

A necessidade de profissionais habilitados em áreas técnicas fez com que o governo implantasse o ensino profissionalizante, atendendo assim às exigências do acordo estabelecido entre o Brasil e os Estados Unidos da América, o Ministério de Educação e Cultura e a Agência para o Desenvolvimento Internacional (MEC-USAID).

Pela falta de um planejamento que atendesse a realidade do Brasil, esse tipo de ensino fracassou, ou seja, as metas não foram cumpridas. A falta de um planejamento resultou em uma drástica queda na qualidade do currículo, onde foram inseridas as disciplinas: Educação Moral e Cívica e Organização Social e política do Brasil, que interessavam ao regime com o civismo e problemas brasileiros.

Com o pretexto de que estas disciplinas eram essenciais para a “[...] formação do cidadão consciente” (ARANHA, 1993, p.113). O resultado dessas ações foi a diminuição do horário nas disciplinas como: Língua portuguesa, Literatura, História e Geografia, pondo um fim no ensino de Filosofia. As escolas públicas ficaram visivelmente fragilizadas com a reforma que ocasionou resultados negativos, os quais se verificam principalmente nos dias atuais.

A luta dos professores da área foi árdua e após 25 anos a filosofia retoma seu lugar, e sua consolidação em julho de 2006, quando a Câmara de Educação Básica do Conselho de Educação (CNE), finalmente aprovou um parecer definitivo que estabelece a Filosofia e a Sociologia como componentes obrigatórios no currículo do ensino médio.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) prevê a obrigatoriedade dos alunos no Ensino Médio a terem conhecimentos na área de Filosofia e Sociologia, no intuito de estabelecer e fornecer aos estudantes noções necessárias para o exercício da cidadania. Porém, não definiu a inclusão dessas disciplinas nos currículos, ou seja, abriu-se um leque para interpretações que se dá, preferencialmente, pelas Secretarias Estaduais de Educação. O dilema está em possíveis diferenças nos estados que compõem a federação, não há uma

unificação dos conteúdos. Esse erro fez com que o Conselho Nacional de Educação - CNE tentasse reparar o fato, estipulando o prazo de um ano para que as escolas das redes públicas e também privadas possam ajustar o currículo.

As consequências dessa falta de definição dos currículos fizeram surgir problemas de ordem metodológica. A pergunta que nos surge constantemente é: como ensinar Filosofia? A possível resposta que damos a essa questão é: adaptando-nos a realidade que está a nossa volta. Sabemos que os desafios são muitos, mas a Filosofia traz um conceito não para o ensino, mas, para a liberdade. A Filosofia nos dá a possibilidade da dúvida, de um reencontro do homem consigo e deste com a natureza e sua essência.

Pensando que a Filosofia é um constante turbilhão de inquietações, uma prova disso é sua origem, o próprio Aristóteles mostra-nos como os primeiros filósofos começaram a se questionar e, a partir daí, passou a haver várias especulações e questionamentos por vários filósofos sobre os princípios que regem o mundo. Nasce então a Filosofia a qual não podemos atribuir uma origem exata, simplesmente por não existir.

É por essa maneira de perceber as coisas existentes, de enxergar o mundo de uma nova perspectiva e, por fim, de entendê-lo na sua totalidade, que a Filosofia insere-se nas vidas dos homens e por muitos é considerada a ciência mãe de todas as ciências.

Assim, se entende a Filosofia como um pensamento mais profundo, algo intrinsecamente inerente ao homem, ou seja, alcançável a todos aquele que de forma mais reflexiva possa abstrair as questões mais complexas. Então se compreende também como a Filosofia pode contribuir efetivamente para um ensino que desperte o pensamento crítico e criativo. Um desafio é o de como ela pode retomar sua importância, não somente nas escolas, mais principalmente na vida das pessoas. Sabemos que o próprio ato de filosofar ou fazer Filosofia não é um simples pensamento racional, pois deve possuir uma profundidade, para atingir o íntimo daqueles que por ventura venham a conhecê-la.

Nessa linha de pensamento segue-se um caminho baseado em vivências daqueles que tem experiência e tiveram um contato mais próximo com a Filosofia enquanto disciplina curricular. São exemplos que podem conduzir a prática do ensino em sala de aula, fomentando nas pessoas a criticidade em relação aos fatos que as rodeiam.

A Filosofia, portanto, deve proporcionar aos estudantes, principalmente nas escolas públicas, um novo olhar, com um sentido que podemos definir como um enxergar com outros olhos, além daquilo que nos parece tão real, e mais ainda aquelas coisas que nos passam despercebidas.

O que vem a fortalecer nesse sentido é o depoimento de quem viveu ensinar Filosofia, e a professora Maria Lúcia Aranha (1993, p.118), nos diz: “O ensino da filosofia supõe um compromisso com a vida, para que se possa recuperar, em um mundo por demais pragmático, o que os gregos já chamavam de capacidade de admirar-se, ou seja, do espanto diante do óbvio, do corriqueiro, das certezas sedimentadas”.

Corroborando com estes mesmos ideais, sente-se a necessidade desse processo de modificação no despertar do senso reflexivo, e é preciso que através do professor a Filosofia cumpra com seu papel de sensibilizar o ser humano, ao ponto dele não deixar de se espantar diante das coisas que nos parecem tão banais.

Assim sendo, ao relacionar filosofia-cordel queremos mais uma vez acentuar as colocações da professora Maria Lúcia Aranha que relata em seu trabalho que há vários procedimentos que podemos utilizar para que os alunos entendam tudo aquilo que a Filosofia pode lhes proporcionar e aponta:

A leitura e análise de texto é outro procedimento indispensável à iniciação filosófica. Bem sabemos que aí se encontra uma dificuldade do professor, diante da desvantajosa competição com os meios de comunicação de massa, já que o trabalho para se apropriar de um texto não exerce o mesmo fascínio da imagem e está muito distante da habitual “consciência flutuante” do espectador de tevê. Um bom recurso é começar com textos mais acessíveis, de acordo com o nível dos alunos, usando desde artigos de jornal, poesia, crônicas, intercalados com trechos de ensaios filosóficos, até que estes possam predominar sobre os primeiros. A escolha dos textos deve ter em vista o cuidado de nunca nivelar por baixo, já que a aprendizagem supõe esforço para a superação de dificuldades. A persistência nesse caminho fará com que o aluno descubra que o prazer da leitura muitas vezes se encontra no término do processo, ou seja, o esforço para entender algo que de início é complicado ou desinteressante pode vir a ser recompensador no final (ARANHA, 1993, p.122).

É sabido que na relação professor-aluno existem algumas dificuldades como o diálogo e o currículo, que precisam ser mais discutidos, pois a escola hodierna não é mais o único lugar de acesso ao conhecimento e à construção deste.

A modernidade (século XV-XVIII) dentro da escola encontra muitas vezes dificuldades para poder transmitir e formar indivíduos, por haver uma enorme concorrência entre a sala de aula e o mundo extrasala, pois, muitas vezes, a escola não acompanha o

progresso que constatamos e não temos a oportunidade de recorrer a recursos ora importantes para o desempenho integral dos estudantes, pois ainda não temos a tecnologia mínima para oferecer à comunidade escolar para que possa haver uma boa discussão. Diante dessas constatações, a afirmação de Libâneo (1994, p.53) de que “[...] o currículo expressa os conteúdos da instrução, nas matérias de cada grau do processo de ensino” reforça a problemática do currículo nas aulas de filosofia do Ensino Médio. Por ser o termo currículo algo recente no nosso vocabulário a respeito dessa questão afirma que: “[...] quando definimos o currículo estamos descrevendo a concretização das funções da própria escola [...]. O currículo do ensino obrigatório não tem a mesma função que o de uma especialidade ou de uma modalidade de ensino profissional [...]”, Sacristán (2000, p.15)

Para este autor, o modelo de currículo que é apresentado reflete uma preocupação em tornar real a obrigação de oferecer aos seus alunos e professores um modelo adequado para a realização de um ensino que envolva todos num processo de identificação com a vida e o comportamento real de que cada um faz parte de cada estrutura curricular, pois:

Não podemos esquecer que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização, que se atribui à educação escolarizada, ou de ajuda ao desenvolvimento, de estímulo e cenário do mesmo, o reflexo de um modelo educativo determinado, pelo que necessariamente tem de ser um tema controvertido e ideológico, de difícil concretização num modelo ou propósito simples (SACRISTÁN, 2000, p.15).

Na maioria das situações observam-se modelos de currículos rebuscados e, longe de serem vistos como caminho para uma boa relação professor-aluno, ao contrário, deixa um convite a dúbias conclusões, notando-se uma exclusão de itens como: o debate sobre o ensino de filosofia no ensino médio, que transforma esta disciplina numa simples obrigatoriedade.

O ensino de filosofia poderia ser “simples”, na visão de Sacristán, pois trata de uma proposta de fazer com que disciplinas obrigatórias como Sociologia e Filosofia sejam introduzidas nos currículos de um modo inclusivo, ou seja, que também contenham a história de vida de cada um. Pensando desta maneira, busca-se o cordel como instrumento para o professor, pois este já nasce de uma história que vem dos fatos da vida do seu povo.

Mesmo assim, basta se pensar na palavra currículo que se tem um posicionamento questionador e provocativo no que tange principalmente ao ensino da Filosofia no ensino médio, já que esta passou por momentos indecisos dentro dos programas propostos para o ensino médio e, portanto, fica claro que o currículo, quando bem definido, nos dá uma visão

de construção do mesmo, explicitando por que, para que, e com que se pode recorrer a currículos como um aliado no processo educativo.

Quando Bobbitt escreve, em 1918, o livro intitulado *The Curriculum*, este serve de marco no estabelecimento do currículo como campo especializado de estudos. Nesse livro, Bobbitt (*apud* SILVA, 2011, p.22) ao dizer quais devem ser as finalidades da educação, pergunta: “Ajustar as crianças e os jovens à sociedade tal como ela existe ou prepará-los para transformá-la; a preparação para a economia ou a preparação para a democracia?” Com essa indagação se vê uma preocupação com os currículos que surgiriam na história da educação, dando embasamento para suscitar em outros estudiosos a ideia de currículo.

Em 1902, John Dewey escreveu um livro com o título *Currículo*. Neste livro ele preocupava-se com a construção da democracia, pois sugeria que, quando se concebe a educação no sentido da experiência: tudo o que pode se chamar estudo, seja aritmética, história, geografia ou uma das ciências naturais, deve ser derivado de materiais que a princípio caiam dentro do campo da experiência vital ordinária (DEWEY *apud* SACRISTÁN, 2008, p. 42).

O problema colocado por Dewey é o de como introduzir as diversas realidades com os conteúdos a serem desenvolvidos, e isto demonstra que devemos, sim, nos preocuparmos em termos objetivos bem definidos quando se tratar do interesse do aluno.

Bobbitt (1918) que tinha como objetivo, com o seu modelo de currículo, o funcionamento da economia com “eficiência”, pois seguia o exemplo de Frederick Taylor (que pretendia um currículo voltado para as fábricas) e o que Bobbitt (*apud* SILVA, 2011, p.24) queria na verdade era mapear as habilidades adequadas a cada ocupação e, sendo assim, construir um currículo condizente com o seu pensamento observando que: a tarefa do especialista em currículo consistia, pois, em fazer o levantamento dessas habilidades, desenvolver currículos que permitissem que essas habilidades fossem desenvolvidas e, finalmente, planejar e elaborar instrumentos de mediação que possibilitassem dizer com precisão se elas foram realmente aprendidas.

Portanto, para Bobbitt, a questão do currículo é dada como finalidade para um modelo proposto por ele em “que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa comercial ou industrial” (BOBBITT *apud* SILVA, 2011, p.23). Este modelo de currículo tem um propósito de organização puramente mecânico e o especialista um papel unicamente

burocrático. Para a nossa realidade essa questão é transformada numa outra: a organização deste currículo para o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Na verdade esse tema continua sendo discutido, pois existe uma preocupação em ter um currículo bem organizado e definido para esta disciplina.

A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), mais precisamente em julho de 2006, concede um parecer para que a Filosofia e a Sociologia retornem aos currículos do Ensino Médio, tornando-as disciplinas obrigatórias, pois com a Reforma Tecnista⁵ em 1971 estas disciplinas foram expulsas pelo Regime Militar⁶ dos currículos, sendo substituídas por outras disciplinas, como já dissemos.

Diante dessa situação, surge um problema nos currículos que trata da dificuldade do que ensinar nas salas de aula de filosofia do Ensino Médio e, para tanto, aparece os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1999. Porém, os PCNs não fazem menção aos conteúdos, mas registram as habilidades e competências a serem desenvolvidas nos alunos.

As orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais de 2002 dá uma “luz” a essa situação, convidam a uma sugestão com temas filosóficos, deixando livre⁷ o professor para a escolha destes temas e, assim, pode tentar definir seu programa de ensino.

Por fim, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio de 2006, fizeram uma opção baseada na história da filosofia, dando uma lista de tópicos bem articulados historicamente, e deixa também a livre escolha para o professor organizar seu trabalho.

A disciplina de filosofia no Ensino Médio não deve ser incluída nos currículos apenas para dar informações sobre a história da filosofia, mas para suscitar nos jovens um pensar autônomo, crítico e reflexivo, na queela servirá apenas de “pano de fundo” para se problematizar democraticamente os “conceitos” impostos sem a especificidade da Filosofia que é a reflexão. Essa problematização significa uma flexibilidade e uma disponibilidade para

5 O tecnicismo, verticalmente imposto pela lei 5.692/71, fez surgir, em 1982, a lei 7.044, que abriu novamente a possibilidade para a volta da filosofia nas escolas, segundo critérios delas próprias. <http://www.mundofilosofico.com.br>

6 O Regime Militar é instaurado pelo golpe de estado de 31 de março de 1964 e estende-se até a Redemocratização, em 1985. O plano político é marcado pelo autoritarismo, supressão dos direitos constitucionais, perseguição policial e militar, prisão e tortura dos opositores e pela imposição de censura prévia aos meios de comunicação.

7 No sentido de proporcionar um currículo flexível e condizente com as dificuldades e necessidades do contexto escolar no qual o professor está inserido.

um diálogo entre as partes: professor e aluno, onde esses “conceitos” sejam repensados e criticados.

Discutiremos também esse diálogo com o propósito de um desfecho em que esse binômio currículo/diálogo nos conduzirá a um pensamento para a liberdade e o entendimento do que venha a ser uma relação baseada na confiança e no desejo de crescimento mútuo, visto que estamos caminhando com o propósito de buscar alternativas que proporcionem um olhar que no mínimo se desejem um objetivo no qual satisfaçam as partes envolvidas nessa busca por um ensino de filosofia que fortaleça a interação com outras culturas. Nesse sentido buscaremos uma harmonia em que a filosofia e o cordel sejam aliados na busca do filosofar.

2.1 Em busca de uma estratégia adequada para harmonizar os versos do cordel e a filosofia

Na relação professor-aluno, o professor não deve ser o único detentor do saber, pois o educando aprende e constrói seu conhecimento de maneira que a sua relação com o educador é dada de maneira favorável a uma relação de recíproco respeito. Na afirmação do educador Paulo Freire ele constata que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Desse modo, Freire acredita que a relação entre professor e aluno não acontece de forma unilateral, mas, ao contrário. Deve, sim, existir uma relação de respeito em que seja percebido entre ambos uma intercomunicação bem estruturada e pautada em valores recíprocos. Para Freire também essa relação precisa ser criada entre o professor e o aluno, pois, para ele, é dessa forma que é possível para o professor realizar seu trabalho e que possa trazer realmente uma mudança na aprendizagem, no conhecimento e, conseqüentemente, na vida dos seus alunos.

Para o autor, o diálogo é a melhor forma do professor e o aluno resolverem problemas surgidos na relação, pois é com o diálogo que os sentimentos de respeito e autoridade, que são necessários no contexto escolar, são também restabelecidos e, certamente, se consegue conviver num processo de aprendizagem amigável e proveitoso para ambos e ainda diz que:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizem o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser

transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples roca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987, p.79).

O professor ao se colocar como aquele que também deseja aprender, instiga o seu aluno a ser investigativo, a ser um curioso, sem medo de errar e acima de tudo sem encontrar dificuldades por parte do professor porque, “[...] como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996, p. 85).

Porém, é nesta perspectiva que o diálogo, na relação professor-aluno, faz com que os aprendizes se permitam a uma contínua construção do conhecimento, pois essa proposta de diálogo revela-se de forma essencial e está horizontalmente bem colocada e democraticamente bem instruída, em que os interessados se sentem envolvidos e necessários nesse processo de aprendizagem, no qual não existe vencedor, nem certo e errado, mas deve existir sim uma ação reflexiva, harmoniosa e envolvente.

Sendo assim, essa ação dialógica em que ouvir o outro é importante num vai e vem de perguntas e respostas, deixa evidente que não existe uma só verdade, para ele,

[...] ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando com o sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve desvelar (FREIRE, 1996, p118-119).

Corroborando com Freire, Libâneo (1994, p. 250) acrescenta que “[...] o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos”. Consequentemente, existe de fato uma expressividade e uma variedade de respostas suscitada de uma atitude dialógica.

Nesse sentido, acredita-se que quando o professor se abre para se colocar na posição daquele que também é um aprendiz e procura aprender com a experiência daquele outro aprendiz, aí de fato está acontecendo uma atitude livre e recíproca, caminhando para uma educação para a vida e vida com a democracia. A relação que fazemos entre currículo e diálogo no ensino de Filosofia do Ensino Médio são importantes para que a nossa reflexão chegue ao “término” - neste texto. Ao falar do currículo e a relação professor-aluno nas aulas de Filosofia no Ensino médio, entendemos que o currículo precisa de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções voltadas para o processo educativo.

No caso específico da disciplina de filosofia, é necessário que esse conjunto de esforços pedagógicos se dê a partir do esforço do professor(a) ao utilizar o currículo existente de maneira condizente com as diversas realidades, em uma sala de aula, visto que o processo

educativo muitas vezes passa pela relação de poder que verdadeiramente impede que exista um diálogo pertinente para que o desvelar da construção do ato de filosofar seja uma relação em que só um impõe e o outro aceita, numa hierarquia no qual é priorizado um só saber, porém, não deixando ecoar as vozes daqueles (alunos) que são tão dignos quanto estes (professores) que se dizem saber mais.

É necessário, pois, que o professor de Filosofia se sinta um protagonista do currículo para que ao exercer seu papel, seja capaz de promover democraticamente a forma de introduzir seu aluno num mundo em que não exista saberes prontos, sem flexibilidade, mas saberes capazes de se expandir através das vozes ecoantes de um grupo em sua alteridade, utilizando-se de estratégias ousadas, mas condizentes com o que se pretende alcançar. Dessa forma, a Literatura de Cordel surge como possibilidade de tornar a Filosofia mais desafiadora e instigante, já que para o professor, recorrer a novas estratégias lhes dará sempre uma resposta no mínimo tentadora diante das adversidades encontradas numa sala de aula.

Um dos questionamentos verificados e que muito se defendeu é o fato de que a filosofia tem um importante papel na construção da cidadania, visto que esta disciplina tem uma especificidade própria, na qual ajuda o indivíduo a perceber-se e perceber a realidade em que vive e, assim, definindo-se em um lugar no mundo e,

Tendo deixado de ser obrigatória em 1961 (Lei no 4.024/61) e sendo em 1971 (Lei nº 5.692/71) excluída do currículo escolar oficial, criou-se um hiato em termos de seu amadurecimento como disciplina. E embora na década de 1990 (Lei nº 9.394/96) se tenha determinado que ao final do ensino médio o estudante deva “dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (artigo 36). (OCEM, v.3, p.16).

Sendo observado o papel da filosofia nos currículos, o professor desta disciplina também é essencial, pois como um educador-filósofo, possibilitará aos seus educandos uma tarefa que é: o pensar filosoficamente. Também pensando nessa inquietação e dificuldades em torno da disciplina de filosofia sobre a relação professor-aluno, o professor Roberto Goto (2009, p.95) faz a seguinte pergunta: “o que a filosofia ensina? ”. Ao fazer esta indagação, o autor convida os professores aos desafios da contemporaneidade para que contemplem na formação dada aos seus alunos uma formação humana na sua totalidade.

O professor de Filosofia deve ser um sujeito preocupado em tirar da alienação indivíduos e proporcionar condições para que estes respondam seus próprios questionamentos, tornando-se autores e atores da construção da sua própria cidadania, pois, “[...] um currículo de Filosofia deve contemplar a diversidade sem desconsiderar o professor

que tem suas posições, nem impedir que ele as defenda”(orientações curriculares para o ensino médio,v.3, p.18).

A questão inicial, “o que ensina a filosofia? ” nos chama a outra questão: o que é uma “boa” ou “má” relação professor-aluno? Muitas vezes o professor é podado na sua atuação em sala de aula por não dispor de uma cumplicidade por parte dos que também atuam no espaço educativo em que leciona.

O que a maioria dos alunos deseja escutar quando surge um questionamento é uma resposta pronta e acabada para tudo ou quase tudo e, essa resposta, quando se trata mais especificamente da filosofia fica difícil de obter, pois “[...] essa demanda pela verdade corresponde à ambição de dizer as coisas, mais que pensar sobre elas...” (GOTO, 2009, p.97). Sendo assim, a procura por uma única verdade contradiz a pluralidade de respostas que a Filosofia propõe.

O que nos aponta Cerletti (2009, p.55) quando diz “ensinar a ensinar filosofia” reforça a questão da relação professor-aluno dando espaço para refletir a grade curricular e, sobretudo, os conteúdos para os alunos do Ensino Médio, já que estes carregam um conhecimento prévio do que acontece no mundo fora do espaço minúsculo de uma sala de aula. O que cada um traz de bom ou de ruim faz diferença na sua relação escolar e, muitas vezes, passa despercebido não somente pelo seu professor, mas por toda a comunidade em que se encontra inserido.

“Ensinar a ensinar filosofia” é muito mais que conteúdos programados. E, agora, ressaltamos o educador-filósofo Paulo Freire (1987, p. 83) quando nos diz: “Para o “educador-bancário”, na sua antialogicidade, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos”.

Pois, desde que iniciamos a graduação em Filosofia, escutamos dos professores, corroborando com Cerletti (2009, p.80) e, portanto, reforçando, que “filosofar é atrever-se a pensar”. Então compartilhamos ideias através de vários textos clássicos que foram apresentados, de modo muitas vezes impostos, isto é, sem nenhuma possibilidade de questionamento. Porém, estes textos, foram de grande importância para nossa formação filosófica. E, ao trazer para discussão esses textos clássicos, surgiu então o problema que também é abordado por Cornelli (2004) quando ele aponta que existe uma “recusa” em se

trabalhar esses clássicos e que seria de extrema relevância para o professor de Filosofia do Ensino Médio pensar numa estratégia de ensino para poder utilizar esses textos, pois com currículos prontos, encontrados no sistema educativo, como introduzir de um modo prazeroso nas aulas de Filosofia textos tradicionais diante de realidades diversas? Vemos então a possibilidade de haver uma discussão em que o professor escute o universo dos seus alunos e só assim decidir com ele o quê, com quê e para quê estudar filosofia.

Acreditamos que essas questões serão pontos culminantes do futuro professor de Filosofia do ensino médio nas escolas públicas do nosso país, pois aquele irá ser desafiado para que torne sua docência, no mínimo, em termos de relacionamento com o aluno, agradável e coerente.

Até aqui foi feito um percurso que nos proporcionou uma visão não terminada sobre a questão proposta, por ocasião da obrigatoriedade do Ensino de filosofia no ensino médio. Portanto, apontamos adiante uma reflexão das possíveis perspectivas quanto ao uso do cordel nas aulas de Filosofia.

3 FILOSOFIA E CORDEL: PERSPECTIVAS REFLEXIVAS QUANTO AO USO EM SALA DE AULA

A poesia é filosofia em versos, a filosofia é a poesia em prosa”.
(Francisco José, 2010, p. 1)

Ao sugerir possíveis relações entre a Filosofia e o Cordel, por ocasião dos conteúdos diversos que fazem parte dos nossos currículos, a proposta de uni-los tem o propósito de alongar uma discussão que chega a ser um convite para um olhar que busque estratégias de ensino nas aulas de filosofia. Sendo assim, trazemos uma possível relação entre a filosofia e o cordel para a construção do conhecimento filosófico na sala de aula do Ensino Médio, em igual permissibilidade a uma interdisciplinaridade com outros saberes que compõe o currículo no Ensino Médio, permitindo, também, a reflexão das diversas práticas culturais.

Refletir sobre a filosofia contextualizada nos folhetos de cordel tornou-se uma atividade enigmática que tenta assemelhar o filósofo ao poeta. Inspiradora é tal questão quando comparamos poesia e filosofia e percebemos que ambas tem um ponto de interseção, que diz respeito à aplicação e à reflexão de suas ideias: o contexto escolar.

Sobre a gênese da filosofia e sua relação com o cordel, podemos dizer que a filosofia era expressa em formas versificadas, com rimas e estruturas poéticas, isso se voltamos a sua criação. No entanto, a filosofia capta a realidade em concepções que não dialogam com a imaginação, já a poesia, apreende a realidade figurada pelo uso de rimas, sons, ritmos, linguagem e representações, dialogando sempre com a imaginação.

Todavia, não deixando de diferenciar os modos de expressão do filósofo e do poeta, o primeiro com a estruturação racional e o outro com a expressão dos seus pensamentos e intuições por meio de metáforas, São Tomás de Aquino, por exemplo, afirma características semelhantes entre eles, quando diz que “o poeta assemelha-se ao filósofo, pois ambos se ocupam do admirável (*mirandum*)” (*InMetaph*, I,3,4), ambos estão voltados para o *mirandum*, para aquilo que promove a admiração.

Já Aristóteles, cf. *Poética*, IX, 3, enobrece o caráter racional e universal da poesia, “por tal motivo a Poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a História, porque a Poesia permanece no universal e a História no particular”. Aristóteles eleva e, de certa forma iguala a poesia e a filosofia, pois, conforme reflete, ambas têm um caráter universal e levam a profundas reflexões sobre o homem e suas ações, sobre a natureza e sua essência. Elas não se aproximam da exatidão de certas ciências nem da objetividade que caracteriza a história.

Trata-se aqui do ponto de vista da sensibilidade, pois ambos, o poeta e o filósofo estão coabitando em um lugar de igual contemplação, porém conseguem enxergar no âmbito da admiração ao perceberem o que se passa abaixo do cotidiano. Existe nos dias hodiernos uma forte aversão ao ato de contemplar a beleza e o sentido das coisas. Já a poesia valoriza e preserva na sua singeleza o que se perdeu na mente exaustiva de querer “ter” mais do que se quer “ser”, diante de espetáculos tecnológicos próprios de um mundo consumista e deslumbrante.

Trazer a filosofia ao cordel é parafrasear comparativamente a afirmação do filósofo inglês Copleston: saberemos de outras formas o que já havíamos visto, mas não notado. Ambos os sujeitos, filósofo e poeta, não se prendem a uma visão minimizada, acabada e exclusiva de um determinado fato. O verso era a característica comum tanto da filosofia (quando vemos, por exemplo, os escritos de muitos pré-socráticos); quanto da poesia desenvolvida em sua expressão técnica, memorização e valorização dos textos (quando vemos, por exemplo, a estrutura das evocações das obras de Homero, *Ilíada* e *Odisséia*).

O cordel representa poesia e, desse modo, na Filosofia existe um pouco do cordel. Nos tempos mais antigos, a filosofia também era expressa, em sua maioria, sob a forma de poesia, através de versos. A poesia (e conseqüentemente o cordel) revela técnicas de memorização a

aprendizagem eficazes, sem esquecer o caráter estético que emerge dela. Quando o cordel é visto como poética popular, percebe-se que ele carrega raízes de reflexão filosófica quando busca representar o real e sua complexidade de forma poética e de fácil compreensão. Tanto os poetas marcaram suas obras pela genialidade da criação e do pensamento quanto os filósofos pela complexidade poética.

3.1 ENTRE A FILOSOFIA E A POESIA

Feita esta pequena aproximação da intrínseca relação entre poesia e filosofia, adentramos na questão educacional no que respeita às práticas pedagógicas e aos seus usos. Sobre uma compreensão maior, a problemática da abordagem filosófica em sala de aula transcende a abordagem poética, visto que está ainda presente nas inúmeras representações literárias nas aulas de língua portuguesa. A persistência de uma prática pedagógica minimalista e reducionista de estudos filosóficos de forma desconexa e descontextualizada suscita reflexões e problemáticas muito maiores.

Muito embora, mediante o âmbito da inserção da filosofia em sala de aula, muitos documentos salientem a importância de tal saber sob a forma de disciplina obrigatória no contexto escolar, um quadro de insucesso revela práticas não fundamentais na reorientação das experiências filosóficas que acabam por encerrar-se em movimentos sistemáticos e eventuais.

Pelas posições ideológicas dos sujeitos que compõem o ambiente escolar, ora o professor não reconhece o ato de filosofar por parte de seus alunos, ora os alunos não se consideram capazes de compreender um saber considerado, por eles, tão difícil. Assim, equivocadamente cria-se uma aversão às aulas de filosofia por parte desses sujeitos.

Tais problemas surgem inicialmente das dificuldades de leitura advindas do professor e do aluno. Os textos filosóficos são difíceis quando comparados às leituras de folhetos, quadrinhos, músicas e outros gêneros. Diante dessas inquietações que configuram dificuldades de aprendizagem, surge-nos um importante questionamento a respeito das aulas de filosofia: qual seria, então, o gênero de texto mais apropriado para ensinar e aprender filosofia? Sem posturas restritivas, nem olhares excludentes, respondemos: um dos gêneros-texto dos mais apropriados para trabalhar filosofia em sala de aula é o cordel.

Por acreditarmos que o cordel permite a aproximação da racionalidade filosófica e da poesia, esta vista como poética popular, refletimos perspectivas quanto ao uso desse gênero de

texto, compreendido por nós como instrumento do filosofar. Uma gama de opções metodológicas para utilização do cordel traz questões infinitas para reflexões em sala de aula.

Os folhetos de cordel compreendem inúmeras questões a serem elaboradas, desenvolvidas e refletidas no espaço coletivo de conhecimento que é a sala de aula, em se tratando de questões culturais, humanísticas e de conflitos sociais, o cordel permite, enquanto ferramenta de estudo, a investigação, o debate e a criação de novos olhares e leituras sobre as temáticas das narrativas estudadas.

Os folhetos de cordel permitem desenvolver um espaço coletivo de discussão, reflexão e democratização dos posicionamentos. Seu caráter popular permite a fácil compreensão das temáticas filosóficas através da linguagem e leitura acessíveis a todos os níveis de ensino. É possível também desenvolver de forma criativa a escrita dos alunos frente ao processo de criação de um folheto.

O cordel sempre foi caracterizado como representação da cultura popular, de linguagem simples e coloquial, com o objetivo de contar e recontar, criar e recriar histórias dotadas de regionalismos. Estruturalmente é formado por rimas e versos direcionados primeiramente a um público ouvinte e posteriormente aos leitores e estudiosos em se tratando de sua abordagem escrita.

Comumente os cordéis são conhecidos popularmente por um formato comum: os folhetos. Além disso, são ilustrados apenas na capa por uma gravura peculiar conhecida por xilogravura. Essa formatação comum é a mais vista em todas as regiões, o que não impede que o cordel tome uma forma independente e não presa apenas à estrutura do folheto ilustrado por uma xilogravura. A arte cordelista destaca-se pelas formações de estrofes e versos minimamente detalhada.

Costumes, concepções, ideologias e problemáticas presentes nos cordéis suscitam críticas, ora construtivas, ora desafiantes acerca da realidade que cerca e transcende o ambiente escolar. Em suma, leva os alunos ao conhecimento de si mesmos, a problematização sobre as verdades do mundo e as diferentes possibilidades de convivência e construção do pensamento individual e coletivo como forma de transformar e reconstruir a realidade.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) assinalam os debates públicos e discussões filosóficas na esfera escolar e cotidiana dos sujeitos. Apontam-se ainda as competências que podem ser desenvolvidas pelos alunos através da Filosofia.

Trata-se da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para

procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, de saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimentos. De forma um tanto sumária, pode-se afirmar que se trata tanto de competências comunicativas, que parecem solicitar da Filosofia um refinamento do uso argumentativo da linguagem, para o qual podem contribuir conteúdos lógicos próprios da Filosofia, quanto de competências, digamos, cívicas, que podem fixar-se igualmente à luz de conteúdos filosóficos (OCEM, 2016, p. 30).

Por sua vez, filosofar em qualquer nível de ensino é uma ação significativa desde que seja uma atividade detentora de conhecimentos que levem os alunos a problematizar e argumentar, bem como a elaborar seus próprios conceitos e métodos de leitura e de produção.

É preciso lembrar que cordéis, que se proponham a tratar de temas ou da história da filosofia, devem contemplar o mínimo do que se é sugerido para um entendimento significativo para o sujeito (aluno) do que se pretende transmitir e, esses, que por ventura são trazidos para sala de aula, devem levar o aluno a posicionar-se filosoficamente sobre determinadas temáticas no contexto da filosofia. É possível tirar alunos e professores dessa “apatia” que se vive nas salas de aula, despertando nos alunos o que mais importa no homem: a virtude tão discutida pelos filósofos.

Nem todo tipo de texto que é trazido para sala de aula é trabalhado de maneira propícia para propor reflexões filosóficas. Os textos de filosofia revelam um pensamento filosófico, mas outros tipos de textos e temáticas necessariamente podem não ser classificados como sendo filosóficos, daí a leitura filosófica transcender a leitura superficial de um texto.

A criticidade e o pensamento que se exigem de um aluno não advém apenas das discussões gerais, compreensão de conceitos e problemas. A aprendizagem significativa da filosofia pressupõe procedimentos reflexivos não restritos a questões conteudísticas e sistemáticas como é comum ser trabalhado em outras disciplinas que determinam e implicam objetividade para sua compreensão.

A filosofia abordada sobre seus preceitos de conhecimento através dos folhetos de cordel possibilita aos alunos experiências de desenvolvimento de pensamento, leitura, reflexões dialógicas consigo, com o outro e com o mundo e, fundamentalmente, assumem uma posição interrogativa sobre si mesmos.

Sob a noção de que o pensamento filosófico é por excelência uma imaginação, pode-se afirmar segundo Sá Junior & Santos (2011, p. 119) que

A filosofia é uma atividade de fazer experiências de pensamento, transversalmente atravessado o vivido e construindo sentidos para esses acontecimentos. As experiências de pensamento que fazemos com a filosofia nos recolocam no mundo, numa outra perspectiva. A filosofia, como experiência de pensamento aponta para a criação e para a resistência.

Assim, acreditamos que o cordel como instrumento e suporte para aulas de filosofia permite e estabelece significativamente a criatividade, a produção, a compreensão, o olhar crítico sobre o mundo e o enfrentamento de problemáticas comuns e essenciais para o desenvolvimento da harmonia em sociedade.

O exercício filosófico é fundamentalmente ligado à escrita e à leitura e conseqüentemente o ensino de filosofia está firmado nas capacidades comunicativas dos alunos. Desta forma, o ensino de filosofia não pode se desvincular do texto visto que é essencialmente revelador da realidade e promotor das atividades crítico-reflexivas em sala de aula.

Essa junção aqui proposta, entre cordel e filosofia, proporciona acessibilidade às temáticas e conteúdo, isso porque este instrumento de linguagem popular não está distante da realidade do aluno, pois o cordel possibilita maior entendimento dos conteúdos filosóficos e permite o trabalho com leitura e escrita desenvolvidas também na produção de um cordel, aproximando filosofia e aluno, promovendo interdisciplinaridade.

A atividade filosófica representa tradicionalmente a renovação dos questionamentos reflexivos que buscam ultrapassar as dúvidas e as ideias minimalistas que “põe em xeque” a capacidade do aluno, ou seja, nesta atividade contextualizada através do cordel ultrapassam-se as barreiras da limitação intelectual dos indivíduos com base na leitura e produção dos cordéis.

Contudo, a fidelidade ao rigor e a exatidão filosófica são essenciais quando se trata da abordagem das formas populares de cultura e expressão. Não cabe aqui defender o abandono dos conteúdos filosóficos formais em troca da facilidade na leitura e produção dos versos, mas, sobretudo, a articulação destes no contexto escolar e a compreensão da realidade representada pela capacidade de pensar livremente gera esclarecimento e não obrigatoriamente extingue a dúvida e as problemáticas existentes e vindouras.

Segundo MURCHO (2012, p. 9) é inegável a importância da filosofia em sala de aula, assim “a importância pública de uma formação, ainda que elementar, em filosofia é a possibilidade de ganhar autonomia para pensar por si, com rigor, em problemas complexos e difíceis”.

Os conteúdos filosóficos que são essencialmente importantes em sala de aula são facilmente difundidos através do cordel que é tido como uma alternativa criativa, facilitadora, e que permite a criatividade. O cordel especificamente desenvolvido sobre uma temática

puramente filosófica desperta interesse quando passamos a vê-lo como meio de novas significações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual contexto educacional é efervescente a reflexão de que é preciso reavaliar as propostas metodológicas de ensino, em destaque para o ensino de Filosofia, percebe-se a importância que determinados gêneros assumem em se tratando de atualidade, refletividade e acessibilidade.

O cordel traz para sala de aula, enquanto instrumento metodológico, significação social, isso porque, enquanto gênero ele é caracterizado como instrumento de comunicação dedicado a narrativas de temáticas tradicionais e não tradicionais que enriqueciam a memória popular e transmitia conhecimentos, além de despertar o senso crítico do aluno em fazer relações entre conteúdo e realidade.

É a capacidade de interligação que faz com que o cordel se firme em sala de aula no que respeita a abordagens filosóficas. Ao trazer uma visão mais contemporânea de uma filosofia da antiguidade com elementos regionais de nossa cultura através do cordel, consegue-se alcançar a grande versatilidade da Filosofia.

Ao Considerar que a Filosofia está na literatura de cordel, principalmente aqui na região nordeste, acredita-se que a mesma pode ser uma aliada no trabalho de ensinar Filosofia, fazendo da “filosofia-cordel” uma parceria fascinante na prática do professor. Ao instrumentalizar o cordel em sala de aula, entende-se que o professor de filosofia poetizará o que há de belo e estético, além de enriquecer a arte e a cultura que pode ser desvelada no mote da Filosofia em uma sala de aula.

A história da Filosofia, bem como toda história da humanidade é mantida desde sua origem uma complexidade pautada em teorias bem sistematizadas, sendo assim, na maioria das vezes, longe do entendimento das pessoas e, principalmente do entendimento dos adolescentes e jovens. Na sociedade atual, nota-se uma desvalorização do Ensino de Filosofia, por muitas vezes está ser tida como desnecessária na vida pragmática que levamos, sendo, portanto, também vista como sem nenhuma utilidade por muitos e distante das realidades juvenis.

O cordel em sala de aula permite através de sua simplicidade o auxílio ao professor, gera compreensão por parte do aluno e pode ser levado para a escola com o mesmo rigor

metodológico que outros instrumentos possuem e que permanecem até hoje em sala de aula. Ao instrumentalizar o cordel em sala de aula, entende-se que o professor de filosofia poetizará o que há de belo e estético da Filosofia em uma sala de aula. O cordel pode e deve ser respeitado pelo seu conteúdo vivencial, real e filosófico em se tratando de questões sociais e propriamente de conteúdos filosóficos que contribuem para o esclarecimento e reflexão por parte dos sujeitos que formulam o espaço escolar.

Ainda existe, nos dias atuais, um preconceito velado em relação a disciplinas que exercitem a capacidade de reflexão dos alunos. O jovem ou pelo menos uma grande maioria não entende o porquê de resgatar um conhecimento do passado. Sendo assim, buscar métodos que nos ajudem nessa tarefa é primordial. A utilização de cordéis em sala de aula com abordagem de temáticas filosóficas, não só otimiza o tempo disponível das aulas, como proporciona diálogo, interação e reflexão, fazendo surgir o interesse, curiosidade e empenho dos alunos.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL (ABLC). **História da ABLC**. Santa Teresa, RJ.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, M. Helena P. **Filosofando, introdução à filosofia**. 2. ed. rev. e atual. S. Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Pref., Introd., Com., Apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

APOLINÁRIO, Rodrigo Emanuel de Freitas. **Literatura de cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à internet**. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2007.

BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da literatura de cordel. In: APOLINÁRIO, Rodrigo Emanuel de Freitas. **Literatura de Cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à internet**. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Ciências Humanas e suas Tecnologias/Secretaria de Educação Básica. 2006. v. 3.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

_____. **Em direção a uma didática filosófica**. Belo Horizonte: Autêntica 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

CORNELLI, Gabrielli (Org.) A lição dos clássicos: algumas anotações sobre a história da Filosofia na sala de aula. **Ensino de filosofia: teoria e prática**. UNIJUI, 2004. (Coleção Filosofia e Ensino; 6).

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAUAND, L. Jean. A Poesia e os Fundamentos do Ato Poético. In: **Filosofia, Linguagem, Arte e Educação** – 20 Conferências sobre Tomás de Aquino. São Paulo: CEMOrOc: EDF-FEUSP/ ESDC/Factash Editora, 2007, p. 241-248. Disponível em: www.hottopos.com

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortês, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIRA, Janaína. **A literatura de cordel na sala de aula**. Campina Grande/PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2004. 39

LUIJPEN, W. **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo, USP, 1973.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Adaga; São Paulo: Luzeiro, 2012.

MURCHO, Desidério. **Filosofia ao vivo**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2005.

PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em discussão**. Rio de Janeiro: Presença; Natal: Fundação José Augusto, 1984..

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas cidades, 2001.

_____. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SÁ JUNIOR, L. a. ; SANTOS, J. M. **Experiências de ensino no PROEJA: práticas de leitura e escrita que vão do cordel á filosofia**. Revista Holos Ano 27, Vol 2

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. Ed. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

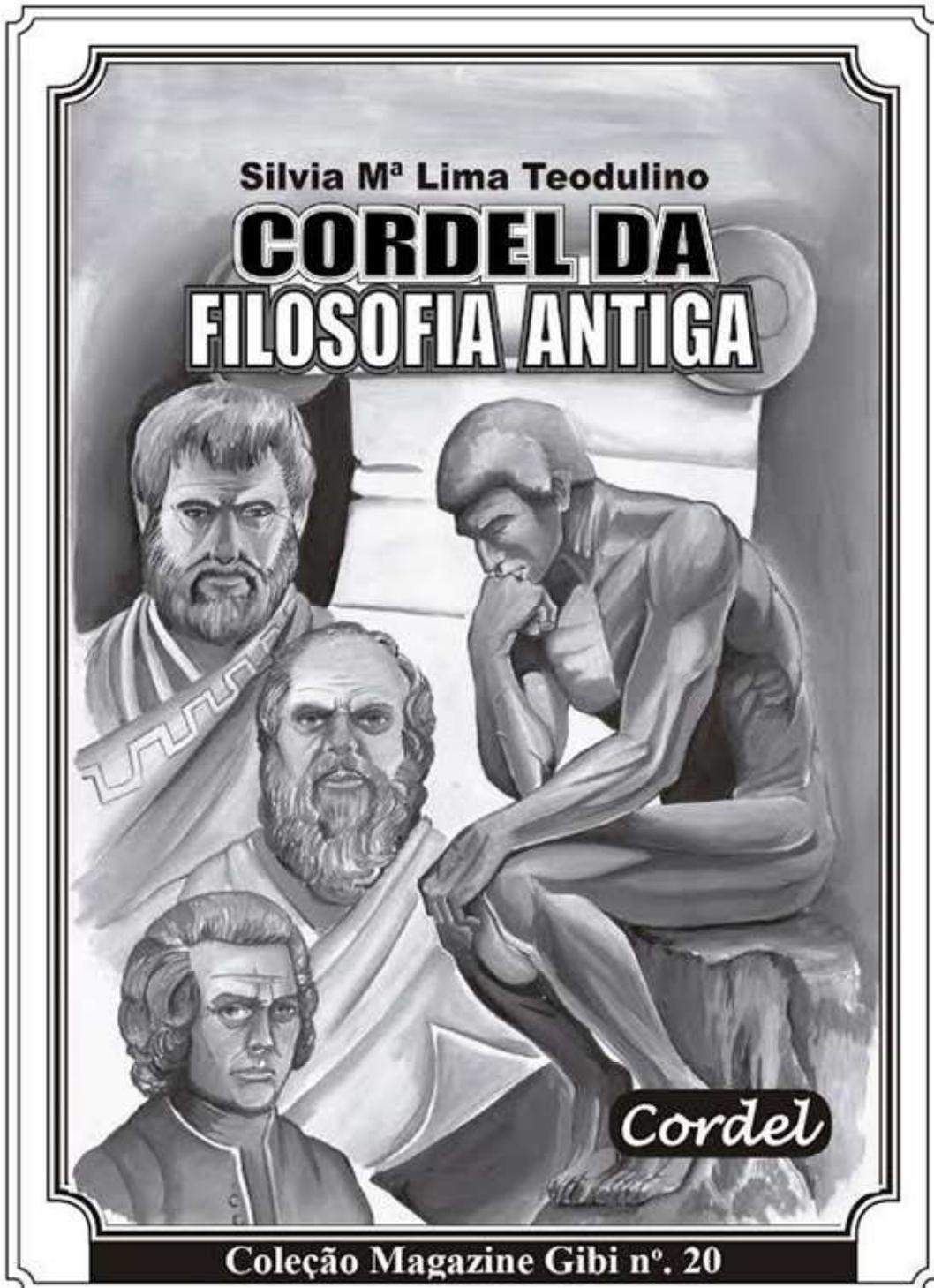
SÊNECA, Lúcio Aneu. Da tranquilidade da alma. In: EPICURO. **Antologia de textos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Revista Carta na escola, nº 20, outubro 2007.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens:** uma iniciação à filosofia. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

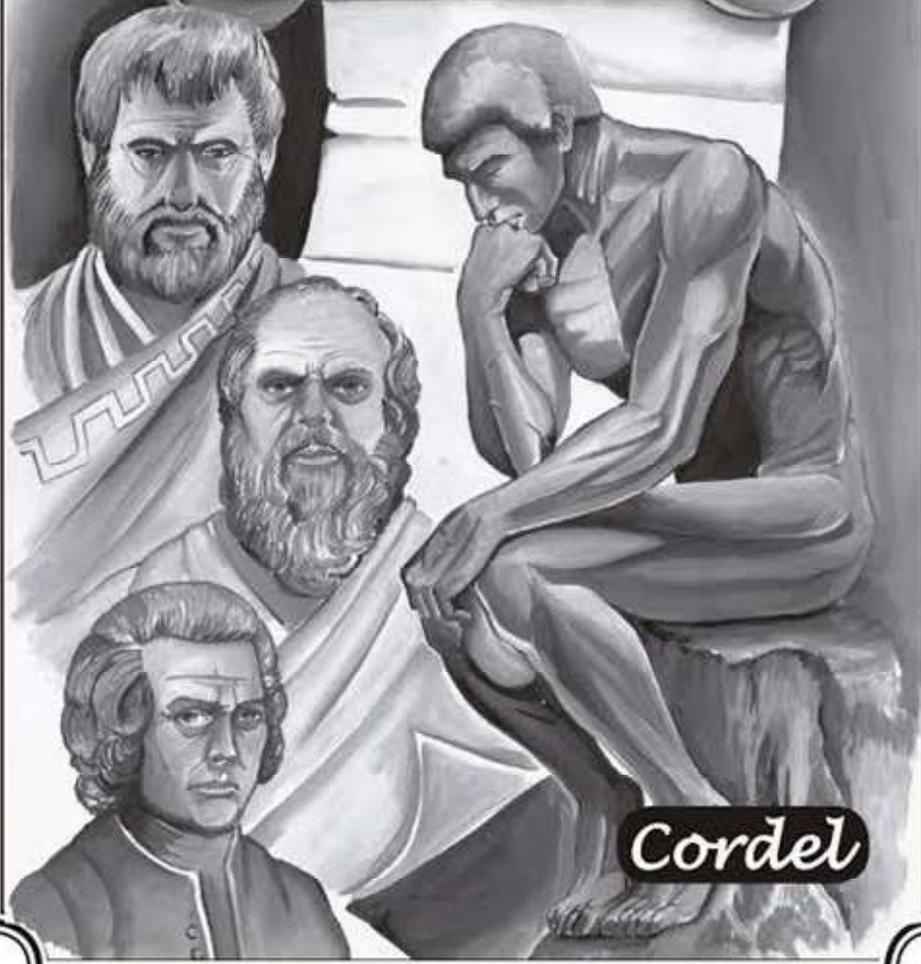
VIDAL-NAQUET, Pierre. **O mundo de Homero.** Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ANEXOS



Silvia Mª Lima Teodulino

CORDEL DA FILOSOFIA ANTIGA



Cordel

Coleção Magazine Gibi nº. 20

**CORDEL DA FILOSOFIA
ANTIGA
(Silvia Maria Lima Teodulino)**

VOU CONTAR PRA VOCÊS
UMA HISTORIA BEM MARCANTE.
TRATA DA FILOSOFIA
DE MANEIRA INTERESSANTE,
DEIXANDO UM POUCO
AFASTADA
A ESCRITA DOMINANTE.

EM CORDEL, VOU LHES DIZER,
VOCÊS VÃO SE INTERESSAR.
POIS RETRATA COM FIRMEZA
A HISTÓRIA SEM CESSAR
DEIXANDO UM GOSTO DANADO
DO QUE É FILOSOFAR.

DA FILOSOFIA ANTIGA
JÁ COMEÇO A OFERECER
A LEITURA DIFERENTE
DA QUE VOCÊ PODE TER.
QUERO COM ESTE FOLHETO
VIRAR, MEXER, CONHECER.

INICIO DO COMEÇO
COMO DEVE SER O TEMA
AGRADEÇO ANTECIPADA
A QUEM LER ESTE POEMA:
PARA O LEITOR CURIOSO,
DA SERRA DA BORBOREMA.

NA GRÉCIA FOI O PRINCÍPIO,
COMO ESTÁ NO MANUAL,
COM O COMÉRCIO CRESCENTE
DE UM MODO ESTRUTURAL,
E TODOS SÃO ENVOLVIDOS
NA GRÉCIA CONTINENTAL.

ESSA HISTÓRIA SE INICIA
EM PLENO SÉCULO SEIS,
COM UM POVO QUE SONHAVA
ESPERANDO SUA VEZ
UM GOVERNO COM IDEIAS
PORÉM SEM TANTA AVIDEZ.

VAMOS CONHECER AQUI
OS PRIMEIROS PENSADORES
QUE FIZERAM SEUS ARQUÊS
E, COM ELES, SEGUIDORES,
ASSIM EXPLICAR AO MUNDO
IDEIAS POSTERIORES.

OS PRIMEIROS PENSADORES
CHAMADOS DE PRÉ-SOCRÁTICOS,
CHEGA UM E SEGUE OUTRO,
SEM INTUITOS BUROCRÁTICOS,
CADA UM COM SEU PRINCÍPIO
E CONCEITOS PROBLEMÁTICOS.

E THALIS FOI O PRIMEIRO.
LÁ EM MILETO NASCIDO,
POR TER SIDO O COMEÇO
NO MUNDO É CONHECIDO,
POIS MOSTROU GEOMETRIA
COM O PENSAR CONSTRUÍDO,

ELE COM OS SEUS ESTUDOS
FEZ A BELA PREVISÃO:
UM ECLIPSE SOLAR
CAUSOU MUITA SENSAÇÃO.
O MITO FOI ABALADO,
FOI GRANDE A CONSTATAÇÃO.

TALES REUNIA TUDO
EM UM ARQUÊ PRINCIPAL:
SUGERINDO QUE A ÁGUA
NO MUNDO ERA A MAIORAL.
UMA GRANDE DESCOBERTA
DE RAZÃO FUNDAMENTAL.

DEPOIS VEIO ANAXIMANDRO
SEGUIDOR DE TALES, VIA:
NO PRINCÍPIO EM QUE A ÁGUA
PARA TODOS SERVIRIA,
POIS A VIDA VINHA DELA
DA MANDEIRA QUE DEVIA.

MAS VIU QUE A TERRA
FLUTUAVA
DUM JEITO BEM NATURAL.
ELA É MESMA É SUSTENTADA
NO ESPAÇO SIDERAL.
ELE AFIRMAVA COM UMA FORÇA
QUE NUNCA SE VIU IGUAL.

VÊ TAMBÉM O EQUILÍBRIO
DA SUBSTÂNCIA PRIMEIRA.
DE TUDO QUE ESTÁ NO MUNDO
PRECISA, DE UMA MANEIRA,
SENTIR AS COISAS FLUINDO
SEM LEVANTAR A POEIRA.

ELE MARCOU ESSE TEMPO
COM SUA DEDICAÇÃO.
CRIOU UM MAPA DO MUNDO,
GRANDE CONTRIBUIÇÃO
PARA AQUELES MERCADORES
DENTRO DA NAVEGAÇÃO.

DEPOIS NOS CHEGOU
PITÁGORAS,
UM MÍSTICO E CIENTISTA.
POR DENTRO DA MATEMÁTICA
FOI FOIRTE ESPECIALISTA.
DELA FAZ SEU INSTRUMENTO
QUE POR ALGUNS É BEM VISTA.

POLICRATES O EXPULSA.
DESSA FORMA ASSIM DITOU:
DEIXE A TERRA DE SAMOS!
PARA O EGITO ELE MIGROU,
DEPOIS FOI PARA A ITÁLIA,
ONDE UMA ESCOLA FUNDOU.

FEZ SUA FILOSOFIA
UMA GRANDE NUMERAÇÃO,
POIS NA HARMONIA CÓSMICA
OS NÚMENOR TÊM RELAÇÃO
PARA ISTO CITO EXEMPLOS
QUE ABAIXO SEGUIRÃO:

DIVIDE UMA CORDA DE LIRA
E VÊ NO SEU COMPRIMENTO
QUE É NA OITAVA MAIS ALTA
UM BELO ACONTECIMENTO.
AO ESPÍRITO DE QUEM OUVI
FAZ BEM E CONTENTAMENTO.

O ARQUÉ QUE SEGUE AGORA
HERÁCLITO VAI COMENTAR
POIS, COM SEU GRANDE
DISCURSO,
REVELA QUE AO SE ENTRAR
NO RIO QUE SE MOVIMENTA
SAIR COM ENTROU NÃO DÁ.
PRA ELE TUDO FLUÍA,
TUDO É PURO MOVIMENTO,
E O EQUILÍBRIO SE ENCONTRA
NO COSMOS, NO ELEMENTO,
QUE ELE VÊ LOGO DE CARA,
NO FOGO, O CONHECIMENTO.

PARA ELE A TERRA, A ÁGUA,
E ATÉ O NOSSO PURO AR,
TÊM UM PRINCÍPIO ÚNICO:
É O FOGO QUE LOGO ESTÁ,
VAI DIZER QUE A VITÓRIA
SERÁ TUDO TRANSFORMAR.

E PARA OS QUE JÁ DISSERAM
QUE OS ÁTOMOS AQUI ESTÃO,
VEM LEUCIPO E DEMÓCRITO,
FOLÓSOFS, AGORA EM
QUESTÃO
MOSTRAM A FORMAÇÃO DO
MUNDO,
EM PARTES SEM DIVISÃO.

NA FILOSOFIA ANTIGA
HOVE, SIM, UMA MUDANÇA.
VEIO O DISCURSO SOFISTA,
QUE UMA SUGESTÃO LANÇA:
DEIXAR A VERDADE FORA
GERANDO DESCONFIANÇA.

OS DISCURSOS VÃO SURGINDO
COM PALAVRAS E PROMESSAS.
OS SOFISTAS SÃO, DE FATO,
MESTRES EM TODAS AS
CONVERSAS,
PORÉM ALGUNS ATRAPALHAM
E QUEREM SE LIVRAR DESSAS.

“O HOMEM – SEGUIE O ROTEIRO –
É O CUME DA MEDIDA”,
PROTÁGORAS NA SUA TESE,
EM UMA NOVA INVESTIDA,
CONHECE A REALIDADE
QUE NA VIDA É COMETIDA.

A OPINIÃO, SÓ, BASTA
ELA É ÚTIL E ESSENCIAL,
POIS PRA ELE O CETICISMO,
É BELO E FENOMENAL,
AS VERDADES E MENTIRAS
NÃO SE PRENDEM AO BEM OU
MAL.

PARA FALAR DE JUSTIÇA
TRANSÍMACO FAZ A AÇÃO
ELE DIZ QUE, PARA SER JUSTO,
É VIÁVEL A CONDIÇÃO:
POIS O MAL DE NADA VALE
E A FORÇA É QUEM TEM RAZÃO.

PARA ELE, O MAIS FORTE
VAI SER SEMPRE O VENCENDOR.
A JUSTIÇA É BEM ASSIM:
DEVE À FORÇA SEU PUDOR.
DESSE JEITO ELE ARGUMENTA
SEU PENSAMENTO E FUROR.

QUANDO SÓCRATES APARECE
VEM MUDAR TODA QUESTÃO,
TRAZ UM POUCO DE HUMANISMO
PÕE OS SOFISTAS NA MÃO
POIS ELES NÃO SÃO FILÓSOFOS,
PRA VERDADE SIZEM NÃO.

O QUE SÓCRATES QUERIA
ERA A VERDADE PARECIDA
DENTRO DA FILOSOFIA
QUE ERA A SUA INVESTIDA.
FAZENDO BOA UNIÃO
FELICIDADE COM VIDA.

QUERO TRAZER NESSA RIMA
OUTROS FILÓSOFOS DA
HISTÓRIA.
OS SEUS QUESTIONAMENTOS,
PARA A TRISTEZA OU A GLÓRIA,
DESEJO PARA VPCÊS
FILOSOFAR NA MEMÓRIA.

É PLATÃO O NOME DELE,
POR QUEM QUERO INICIAR.
ELE COMEÇA DIZENDO
QUE O MUNDO SÓ PODE ESTAR
SEGURO E ORGANIZADO
SE UM FILÓSOFO O GOVERNAR.

DEIXA PARA OS SEGUIDORES
PENSAR IDEALIZADOR,
PARA MUITOS A HISTÓRIA
UM PENSAR CONFRONTADOR.
DEPOIS AO CRISTIANISMO
SERÁ UM NORTEADOR.

DEPOIS DO GRANDE PLATÃO
ARISTÓTELES É O CONSEQUENTE,
ÚLTIMO FILÓSOFO DA PÓLIS
SEGUIU PLATÃO CERTAMENTE,
MAS COM AS IDÉIAS DO MESTRE
NÃO É NADA COMPLACENTE.

POIS PLATÃO, POR SUA VEZ,
VIA O MUNDO DIFERENTE,
PARA ELE ERAM AS “IDEIAS”.
ARISTÓTELES, DESCONTENTE,
VÊ O MUNDO OBJETIVO,
APESAR DO APARENTE.

AS ESCOLAS HELENÍSTICAS
VOU TRAZER E ELENCAR.
UMA NOVA ERA SURGE
COM ALEXANDRE A BRINCAR,
BUSCANDO GRANDES
CONQUISTAS
E O MUNDO A DESBRAVAR...

SENDO QUATRO AS ESCOLAS
DELAS VOU FALAR AGORA,
PRIMEIRO O ESTOICISMO.
VEM CETISMO E CINISMO.
O HELENISMO VAI AFORA.

PARA ELAS SÓ HAVIA
O OBJETIVO A CHEGAR:
A BASE ERAM PRECEITOS
CADA UM NO SEU LUGAR.
AUSÊNCIA DO SOFRIMENTO
FELICIDADE ALCANÇAR.

DA ESCOLA EPICURISTA
 CUJO NOME AQUI CHEGOU,
 O DE MAIOR IMPORTÂNCIA
 QUE ASSIM SE REVELOU:
 FOI O DO PRÓPRIO EPICURO
 QUE SUA ESCOLA FUNDOU.

ELE FOI NASCIDO EM SAMOS.
 CONSTRUIU BELE JARDIM,
 JUNTOU ALGUNS DISCÍPULOS
 REUNINDO-OS PARA ASSIM,
 VIVER EM COMUNIDADE
 TRANQUILIDADE SEM FIM.

A VIDA EPICURISTA
 BUSCA A FELICIDADE,
 NÃO RECUSA O BOM SABER,
 MAS LIMITA DE VERDADE
 TODOS O DESEJO FÍSICO,
 SUA ESPECIALIDADE.

PARA CONSUMAR O FATO
 CHAMADO DE ATARAXIA
 PARA BURLAR A AFLIÇÃO
 EPICURO EXPLICARIA
 QUE A MORTIFICAÇÃO
 ERA A CHAVE TODO DIA.

MAS ELE DUVIDAVA
 QUE OS DEUSES EXISTIAM
 ENTRETANTO ELE PREGAVA
 QUE ELES NÃO SE
 INTROMETERIAM
 NOS ASSUNTOS DOS HUMANOS
 E NEM DELES CUIDARIAM.

A PRÓXIMA ESCOLA A VIR
 ERA A ESTÓICA EM QUESTÃO.
 SUA DOUTRINA SEGUIA
 UMA BREVE EXPLICAÇÃO,
 DE QUE O UNIVERSO É O FOCO
 DESSA FARTA DISCURSSÃO.

PARA ELES O SEU MESTRE
 FOI O ZENÃO, LÁ DE CÍCIO.
 ERA A LÓGICA E A FÍSICA
 E TAMBÉM O MAL DO VÍCIO.
 IMPORTARAM-SE COM A ÉTICA
 QUE ERA SEU GRANDE OFÍCIO.

OS ESTÓICOS SÓ VIVIAM
 DE ACORDO COM A NATUREZA.
 ACEITAVAM O ACONTECIDO
 O UNIVERSO, COM CERTEZA,
 ORDENADO POR UM DEUS
 DE HARMONIA E PUREZA.

PARA ELES O DESTINO
 ERA ALGO NATURAL,
 NÃO TERIA FORÇA ALGUMA
 PARA O BEM OU PARA O MAL,
 TUDO ERA HARMONIZADO
 NUM EQUILIBRIO TOTAL.

CHEGA AGORA O CETICISMO
 CRITICANDO O QUE FOI DITO.
 E TEM UM PRECEITO CÉTICO:
 NO QUAL TUDO É ATRITO.
 PONDO A DÚVIDA NO MEIO
 NO QUE FOR DITO E NÃO DITO.

ELE TEM A DIVISÃO
 EM UMA BASE ESPECÍFICA:
 UMA É A FILOSÓFICA
 E A OUTRA, A CIENTÍFICA.
 A FILOSÓFICA É A CRITICA
 VEM À OUTRA E VERIFICA.

UMA ESCOLA PUXA A OUTRA
 QUE ANTÍSTENES FUNDOU.
 CHEGANDO LOGO O CINISMO.
 DIÓGENES CONSTATOU.
 MUNIDO DE IRONIA,
 SEU DISÍPULO SE TORNOU.

FOI DIÓGES, O “CÃO”, SIMPLES,
 UM PERFEITO GOZADOR.
 TINHA UM IDEAL DE VIDA:
 VIVER COMO TRANSGRESSOR.
 ELE NÃO SE CONFORMAVA
 COM O SEUPÉRFULO EM VIGOR.

A GRANDE FELICIDADE,
PARA OS CÍNICOS, EXISTIA.
MORAVA NA LIBERDADE,
NA QUAL TUDO RENUNCIA.
LA ALÉM DE APARÊNCIA,
COM RETIDÃO E CORTESIA.

FOI GRAÇAS A PENSADORES
QUE ISSO TUDO ACONTECEU.
POR SÊNICA E EPITETO,
BOM TEMPO SOBREVIVEU,
TEVE SEU DECLÍNIO QUANDO
NEOPLATONISMO NASCEU.

COMEÇA OUTRO PERÍODO
COM ESSE NEOPLATONISMO.
É CHEGADO UM TEMPO NOVO
BEM NO FIM DO HELENISMO
COM O SEU REPRESENTANTE
PLOTINO E O ESPIRITUALISMO.

PARA O NEOPLATONISMO,
O CERNE É INTERAÇÃO:
A MORAL E A HIERARQUIA,
TAMBÉM A RELIGIÃO.
HAVIA A HIPÓSTASE DO UNO,
P DEUS DA OCASIÃO.

OUTRAS HIPÓSTASES VÃO VINDO
I NOUS E A ALMA DO MUNDO.
O MAL AÍ NÃO EXISTE:
PRIVAÇÃO DO BEM FECUNDO.
E ASSIM COM AS HIPÓSTASES
PLOTINO EXPLICA PROFUNDO.

É O FIM DA GRANDE HISTÓRIA,
COM ELA A CONTRADIÇÃO.
NA FILOSOFIA ANTIGA
HOVE MUITA INDAGAÇÃO,
E VOCÊ PODE ESCOLHER,
ENTRE ARISTÓTELES E PLATÃO.

FIM!